

SUBIU, ARREMESSOU E...

Entre o arremesso e a cesta há muito que se investigar!¹

Aline Santos do Nascimento

Caren Cristina Brunello Florentin

O seguinte projeto foi realizado com duas turmas de 2º ano do ciclo de alfabetização da escola EMEF Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, localizada em São Mateus, zona leste de São Paulo e teve duração de aproximadamente três meses.

Ao retornar às aulas após um período de licença médica (02 meses), percebi que xs² estudantes estavam vivenciando alguns pré-desportivos que visavam acertar o alvo, algo parecido com a modalidade esportiva basquete. Tendo em vista o que eles já estavam realizando durante as aulas e compreendendo a necessidade de valorizar o trabalho que já vinha sendo feito pela professora Caren Brunello, recordando também que com essa turma no ano anterior já havíamos trabalhado com as manifestações corporais brincadeira e dança, optei por seguir na mesma direção tematizar o basquete.

Para pensarmos em um plano de ensino, nos reportamos ao Projeto Político Pedagógico – PPP e ao Plano Especial de Ação – PEA da unidade escolar. Nesse ano, a escola optou pela adesão ao programa “São Paulo Integral³” por isso esses documentos foram (re)organizados acerca da temática currículo, avaliação e práticas, em busca da garantia da qualidade da educação numa perspectiva da escola em tempo integral. É importante frisar que apenas três turmas do 1º ano do ciclo de alfabetização fazem parte do programa e a cada ano, possivelmente, as novas turmas de 1º ano ingressarão na proposta até que todos os anos se tornem de tempo integral.

¹ O presente relato de prática também pode ser acessado em formato de vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1tRxZHC22uo&feature=youtu.be>>. Acessado em 08/08/17.

² A opção dessa escrita se baseia na obra de Guacira Lopes Louro, cuja intencionalidade é desconstruir a neutralidade conferida ao masculino (o normal), principalmente nas generalizações e sua aplicação no plural das palavras. Sendo uma ação política pós-identitária o “x” representa menina, menino, trans, *queer* e tantas outras possibilidades identitárias, desconstruindo os binarismos e a heteronormatividade compulsória, que contribuem para a manutenção do *status quo*. Em outros textos percebe-se a utilização de @, ele/ela, ele(a). No Brasil, essa escrita no âmbito da educação é pouco visível e apesar de atingir a “norma culta” da língua, atua na valorização e na representatividade de sujeitos abjetos, subjugados, “aqueixs desconsideradxs” pela sociedade. Porém, optei por demarcar o gênero quando este for individual e necessário para a compreensão das diferenças construídas nos discursos heteronormativos.

³ Portaria Nº 5.956/2016 que institui o programa “São Paulo Integral” nas escolas municipais. Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/34852.pdf>>. Acessado em 03/08/2017.

Assim, foi necessário entender, investigar, problematizar e articular nossas ações pensando nessa concepção educacional. Se a proposta é boa, interessante, benéfica, salvadora, crítica ou não, apesar de relevante discuti-la, não será feito aqui. A menção ao fato objetivou simplesmente explicar o contexto em que a experiência pedagógica aconteceu.

Selecionada a prática corporal objeto de estudo, realizamos nossos primeiros encontros mapeando⁴ o que xs estudantes compreendiam sobre o basquete. Esse processo nos permitiu produzir informações valiosas que subsidiaram a elaboração das atividades didáticas, além de oferecer elementos para averiguar as influências do processo educativo na formação dxs estudantes (NEIRA; NUNES, 2009).

Inicialmente, ao conversarmos sobre o tema⁵ xs estudantes disseram que o basquete se joga com as mãos e seu objetivo maior é lançar a bola na cesta adversária e impedir que isso ocorra contra a sua cesta. Compartilhando dessa ideia, dividimos a turma em dois grupos e propusemos a vivência. Sem qualquer preocupação com as regras e suas técnicas específicas, as crianças buscaram apenas em acertar a bola na cesta adversária.

Durante esses momentos ocorreram diversas brigas, discussões e até mesmo agressões entre xs estudantes, pois em diversos momentos elxs ficavam nervosxs por não conseguirem jogar. As vivências pareciam grandes batalhas, com carrinhos, empurrões, puxões de coletes, roubadas de bola das mãos dxs adversárixs, montinho para tentar pegar a bola no chão e pontapés. Enquanto elxs batalhavam, ficávamos ali observando e esperando que se organizassem elaborando estratégias, posições, troca de passes, armação de jogadas, marcação em bloco e/ou individual e o lançamento correto e certeiro para a cesta. Mas isso não aconteceu e as aulas acabavam quase sempre com alguns choros e arranhões.

⁴ Por meio do mapeamento, x docente poderá conhecer o repertório cultural corporal dxs estudantes, que possibilitará o reconhecimento das manifestações que esses indivíduos conhecem, praticam ou já praticaram, bem como aquelas que, mesmo não tendo sido vivenciadas, encontram-se presentes no patrimônio da comunidade (NEIRA; NUNES, 2009).

⁵ No currículo cultural da Educação Física as diversas manifestações de brincadeiras, ginásticas, danças, esportes e lutas produzidas em sociedade, ao adentrarem à escola, transformam-se em temas de estudo que necessitam ser explorados em seus múltiplos aspectos e possibilidades (SANTOS; NEIRA, 2016a).



Era preciso organizar ações que favorecessem aos estudantes uma compreensão mais afinada da prática para que se organizassem melhor durante o jogo, caso contrário, as vivências perderiam a graça. Foi então que levamos para as turmas dois vídeos, a fim de ampliar e aprofundar⁶ nossos conhecimentos. O primeiro foi um grande jogo de basquete protagonizado por Pateta⁷ e seus amigos, que muito se aproximava do que também tinham sido os jogos das crianças até então. Risadas, gargalhadas e comparações iam sendo feitas pelos estudantes durante a apreciação.

O segundo foi um tutorial produzido pelo Sidney Gabriel no canal do *youtube* “Dois Por Cento TV⁸” com a participação do ex-árbitro internacional e agora comentarista da Sportv Carlos Eduardo dos Santos, o Renatinho. Nesse vídeo, os dois apresentam brevemente as regras básicas do basquete de quadra e do basquete de rua. No final do encontro, um estudante questionou se o Renatinho não poderia ir à escola para ensinar as regras e nos dispusemos a tentar entrar em contato com ele através das redes sociais.

No encontro seguinte, apresentamos imagens antigas do basquete e contamos a história de sua origem que está disponível no portal eletrônico da Confederação Brasileira de Basketball⁹ - CBB. Segundo essa referência, o esporte foi inventado pelo professor canadense James Naismith cujo objetivo era criar uma modalidade onde os estudantes pudessem praticar em um local fechado, pois o inverno era muito rigoroso, o que impedia a prática do baseball e do futebol americano.

⁶ Ampliar implica recorrer a outros discursos e fontes de informação, preferivelmente, àqueles que oferecem olhares distintos dos que foram disponibilizados até então. Aprofundar significa conhecer melhor a manifestação corporal investigada, identificando e analisando os aspectos que lhe pertencem, mas que não emergiram nas primeiras leituras e interpretações (NEIRA; NUNES, 2009).

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dNBtA1KvMLA>>. Acessado em 10/05/2017.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3F4rSRaIIo>>. Acessado em 10/05/2017.

⁹ Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/PortalCBB/OBasquete/HistoriaOficial>>. Acessado em 27/04/2017.



Pensando na história e na ocorrência social do basquete é evidente que qualquer prática corporal vai se alterando dentro da cultura, através das necessidades de seus representantes, patrocinadores, mídia entre outros. Assim, ressignificamos¹⁰ nossas aulas práticas, alterando o formato do jogo no que diz respeito à quantidade de pessoas em quadra, espaço físico, altura dos aros e fundamentos para que todxs pudessem, na medida do possível, acessar/jogar/participar de forma mais efetiva da vivência.

Entre um jogo e outro separávamos momentos para que xs estudantes realizassem alguns fundamentos como dribles, recepções, passes e arremessos, tudo de maneira bem simples. Em grupos, elxs experimentavam as técnicas da modalidade encontrando formas diversas de fazer com que a bola, por exemplo, fosse lançada e recebida sem ser interceptada. Novamente, não estávamos preocupadas com a gestualidade específica de cada fundamento, mas sim em fazer com que x estudante encontrasse o melhor gesto para si. Afinal, queríamos que todxs se sentissem à vontade para participar e desfrutar do jogo.

¹⁰ Ao ressignificar o grupo poderá reconstruir as experiências conhecidas, transformando-as próximas para si, reconhecendo a aula como espaço de construção cultural e o outro como parceiro desse processo (NEIRA; NUNES, 2009).



Na medida em que essas alterações iam sendo feitas novos significados eram atribuídos ao nosso basquete, com base na própria experiência cultural. Segundo Neira (2016), essa ação ajuda a posicionar xs estudantes “na condição de sujeitos históricos e produtores de cultura em condições semelhantes ao que ocorre em grande parte das experiências humanas” (p. 15).

Pensando num possível contato com o Renatinho, enviamos-lhe uma mensagem via chat do *Facebook*, explicando o projeto em ação e convidando-o a visitar a escola. Ele prontamente se colocou à disposição, mas disse não ter data devido aos jogos de *playoffs* do Novo Basquete Brasil – NBB, da temporada 16/17 entre Paulistano e Pinheiros. Decidimos então produzir um vídeo com questões elaboradas pelas crianças e ele responderia no mesmo formato.

Na escola, separamos xs estudantes em grupos e solicitamos que fizessem perguntas a respeito da modalidade ou da vida do entrevistado. Os momentos de gravações duraram três encontros, pois a vergonha diante da câmera do celular foi algo inevitável. Após muitas tentativas, tínhamos ali um bom material para ser editado. As questões baseavam-se em como jogar basquete, se ele tinha sido jogador de basquete, como realizar a marcação durante o jogo, quais são as regras básicas (ainda que já as tivéssemos acessado anteriormente), se ele é rico, sua idade, se tem filhos, se ele jogava futebol, se no basquete é permitido jogar de luvas e como ele se sentia sendo uma referência para as crianças. Após a edição, os vídeos foram enviados através de link do *youtube*^{11, 12}.

¹¹ 2ºB. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rp3_klE_yml>. Acessado em 08/08/17.

¹² 2ºC. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rUm7hzK9AF0>>. Acessado em 08/08/17.



Dando sequência ao projeto, convidamos duas pessoas com histórias de vida marcadas e atravessadas pelo basquete para irem à escola conversar com o grupo. Para Neira (2016), essas ações nos ajudam a desconstruir as representações pejorativas, distorcidas ou fantasiosas eventualmente postas em circulação, como também, estabelecer contato com outras formas de ver. Afinal, era muito importante conhecer os pontos de vista das pessoas que criam e recriam a prática diariamente.

Durante a preparação da atividade, conversamos com xs estudantes sobre a importância e valia das visitas no que tange à interação e troca de experiências com pessoas que praticam basquete em diferentes espaços e formatos. Ao mencionar o nome Marta de Souza Sobral, logo as crianças fizeram relação com a Marta Vieira da Silva (jogadora da seleção brasileira de futebol), então tivemos o cuidado de esclarecer essa confusão elaborando um painel com fotos e informações¹³ sobre a “Marta do basquete” (ex-jogadora da seleção brasileira, medalhista olímpica).

Assim que a Marta chegou à escola, xs estudantes começaram a cochichar. Ouvimos comentários como: -“*Uau. Ela é gigante!*”; -“*Ela é quase do tamanho da porta*”. Sem dúvida nenhuma, seu tamanho chamou a atenção de todxs. Essas falas não foram feitas apenas pelxs estudantes, mas também por professorxs e funcionários que se surpreenderam com a sua estatura de 1,90 m. Perguntamos se ela se importava com esse espanto, sorridente respondeu: -“*Uma mulher linda desse tamanho é para chamar atenção mesmo!*”.

Já em contato com as turmas, ela contou um pouco de sua história e como foi sua infância e inserção no esporte. Quando criança, já era alta como quase todxs de sua família, inclusive um primo seu também chegou a jogar basquete, mas não seguiu carreira. Ela lembrou às crianças que não basta ser alto, é preciso ter habilidade, pois se fosse só pela altura ela não tinha conseguido chegar à categoria profissional. Seu primeiro

¹³ Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/Selecoes/AT?cod=423>>. Acessado em 20/04/2017.

clube foi o Hebraica, de São Paulo (SP), e mencionou que um dos melhores momentos de sua carreira foi as finais dos Jogos Olímpicos de Atlanta (EUA - 1996).

E por falar em Jogos Olímpicos, ela levou a tocha olímpica e explicou o que o artefato representava: - *“A tocha olímpica é um símbolo muito importante para o atleta, pois ela representa todo o esforço e toda luta para chegarmos lá”*. Durante o trajeto da tocha olímpica (Rio 2016), ela foi uma das pessoas a carregá-la na cidade de Santo André e para ficar com uma, mesmo tendo sido atleta olímpica, teve que comprá-la.

Foi um momento fantástico! As crianças ficaram alvoroçadas com a sua presença. No final do dia, ficamos extremamente agradecidas com muitos abraços dxs estudantes. Elxs queriam jogar com ela, mas devido ao tempo chuvoso não foi possível realizar as vivências.



Na semana seguinte, contamos com a presença da Sarith Anischa¹⁴, ex-atleta de basquete, irmã de outro atleta, Arthur Pecos (melhor sexto homem do NBB Caixa 16/17 pelo Paulistano) e atualmente técnica e responsável pelo projeto de basquete do Pirituba F. C. Logo que ela entrou na sala, alguns estudantes disseram que ela era pequena se comparada à Marta. Sua altura é de 1,60 m. Foi então que, após se apresentar, ela problematizou¹⁵ os corpos que atuam no basquete, explicando que o tamanho pode interferir na posição que x jogadorx ocupa na quadra e que pessoas pequenas ajudam o seu time em jogadas rápidas, por exemplo.

¹⁴ O Basquete do Pirituba FC é um projeto independente, não conta com o apoio de nenhum órgão e para sobreviver cobra mensalidades para poder arcar com os seus custos e ainda assim conta com a ajuda de diversas pessoas. Em apenas 10 meses o projeto já conta com 50 alunxs. Disponível em: <https://www.facebook.com/basquetepiritubao/?hc_ref=ARRy5AwpFFkUlc8xuwpYOSvacc4J4BwsxZ4Zm5s65UYPwv-jziPOR27N8ZrwPm52za4&pnref=story>. Acessado em 09/06/17.

¹⁵ Fundada no ato dialógico freireano e radicalizada pelo jogo da linguagem do pensamento pós-estruturalista, a problematização emerge como um artefato da prática pedagógica imprescindível para suspender os discursos naturalizados e fazer circular uma multiplicidade de textos que compõem as culturas (SANTOS; NEIRA, 2016b).

Sorridente, disse que ao dar instruções para xs atletas solicita que elxs fiquem sentados para que a mesma possa ser vista e ouvida. Segundo ela, há diversos corpos atuando de forma diferenciada no basquete e suas funções são distribuídas a partir de suas qualidades físicas, técnicas, motoras, entre outras. Seu posicionamento contribui para desnaturalizar representações do tipo “pessoas pequenas não jogam basquete”, “basquete é para fortes”, abrindo espaço para novas possibilidades.

Ela nos apresentou as regras básicas do basquete 3x3 que estará presente na próxima Olimpíada em Tóquio 2020¹⁶ e fez questão de mencionar que a embaixadora da modalidade é a atleta Cristal Rocha¹⁷ que tem 1,60 m de altura e muita habilidade, sendo um dos grandes destaques da modalidade no Brasil.

Mais uma vez as condições do tempo inviabilizaram a ida à quadra, então utilizamos o espaço do pátio coberto para uma vivência organizada pela Sarith. Foram propostas: a **brincadeira pega rabo**: ela entregou para cada estudante um pedaço de fita e todxs prenderam a fita no cós da calça, como se fosse um rabo. Elxs deveriam roubar a fita de outra pessoa e não deixar com que a sua fosse roubada; **correr, lançar e saltar**: ainda com a fita na mão deveriam ficar fazendo skipping e ao ouvir o som do apito lançar a fita para o alto e segurar saltando (simulando o arremesso); **posição básica de defesa**: em grupo, fizeram deslocamentos laterais com as pernas afastadas e semiflexionadas, tronco levemente inclinado à frente, cabeça erguida, braços semiflexionados a altura da cintura (simulando a marcação); **fundamentos**: em filas deveriam receber a bola, driblar até chegar próximo ao alvo (bambolê) e arremessar, pegar a bola, voltar driblando e passar para a pessoa que estava no início da fila.



¹⁶ Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/olimpiadas-2020/basquete-3x3-e-incluido-nos-jogos-olimpicos-de-toquio-2020/>>. Acessado em 09/06/2017.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/PortalCBB/Imprensa/ShowEntrevista/382>>. Acessado em 09/06/2017.

No encontro seguinte, conversamos novamente sobre o basquete 3x3, suas principais regras retiradas do site CBB¹⁸, dimensões da quadra, pontuação e experimentamos o jogo. Vivenciamos o 3x3 por alguns encontros. Separamos as turmas em grupos de três e na quadra íamos revezando os jogos em aros mais baixos, posicionados nas laterais da quadra (no alambrado) e também nos aros mais altos, fixados na tabela. Durante os encontros, poucos estudantes ficavam de fora do jogo, pois ao todo, tínhamos sete aros montados, o que nos permitiu fazer jogos simultâneos.



Os registros e a avaliação são elementos fundamentais no currículo cultural e não podem ser considerados como produto final de um trabalho (BORGES; PORTAPILA; ESCUDERO, 2016). Na medida em que as aulas vão acontecendo, os registros e a avaliação vão direcionando o trabalho docente. Além disso, contribuem na análise sobre em que medida xs estudantes ampliaram sua compreensão social, histórica e política da prática corporal investigada, como também suas formas de expressão. Avaliar e registrar são orientações didáticas que injetam combustível e norteiam a prática pedagógica.

Para arquivar os diversos registros sobre o que xs estudantes haviam compreendido do trabalho realizado, elaboramos coletivamente um livro. Nessa produção apresentamos as diversas tematizações realizadas, as inúmeras vivências, as visitas recebidas e os nossos pontos de vista sobre tudo o que aconteceu. Muitxs estudantes disseram ter gostado do projeto, outrxs observaram a presença da Marta e da Sarith, enquanto alguns registraram os diversos momentos de vivências do basquete 3x3 e de quadra. De forma geral, todo o processo foi registrado.

Combinamos que o livro ficaria a cargo de umx estudante por dia para levá-lo para casa e mostrá-lo a outra pessoa, aproximando as ações educativas dos familiares,

¹⁸ Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/Arbitragem/Regras?tpt=True>>. Acessado em 13/06/2017.

amigos e comunidade local. Esse movimento permitiu que todxs partilhassem o registro daquelas experiências e fizessem suas próprias considerações a respeito.



CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Ao longo de todo esse processo relatado, foi possível compreender a necessidade de estudar o basquete de forma contextualizada, a partir da sua ocorrência social. O que sabemos sobre o basquete? Como jogar basquete? Quem pode jogar basquete? É preciso apenas ser altx? Tem espaço para pessoas pequenas? Como essa prática é realizada em outros espaços sociais? Quem são seus representantes? Aonde se joga basquete? Essas e tantas outras questões foram debatidas.

Jogamos basquete de diversas formas (o grupo todo sem regras, com regras, número menor de participantes, basquete de quadra, 3x3). Assistimos a um vídeo sobre as regras básicas do basquete e também a um episódio do desenho do Pateta. O desenho representava de maneira bem próxima toda a nossa desorganização e frustração com as vivências. Foi preciso muito tempo de prática para que encontrássemos uma maneira que ajudasse na participação de todas as crianças. Entretanto, não sabemos se isso, de fato, foi possível.

As visitas da Marta Sobral e da Sarith Anischa contribuíram para a ampliação e o aprofundamento dos conhecimentos iniciais dxs estudantes. Suas falas ajudaram as crianças a perceberem suas histórias de vida, trajetória na modalidade, lutas e conquistas,

os significados de certos artefatos culturais, questões políticas, megaeventos e projetos sociais, enriquecendo e dando caldo ao trabalho pedagógico.

E o que dizer das produções audiovisuais para o comentarista do Sportv e ex-árbitro Renatinho? Permitir o protagonismo das crianças é permitir a produção de conhecimento. Estamos aguardamos seu retorno.

Não podemos deixar de mencionar a participação da professora polivalente Aparecida Ordalia Salvador, a Cidinha. Ela atua na turma do 2º C e durante todo o andamento do projeto se dispôs a ajudar e a acompanhar algumas aulas para ficar mais próxima do que acontece na Educação Física. Em muitas conversas pelos corredores da escola ela sempre nos dizia que não sabia que a disciplina possibilitasse tantas coisas, pois, antes, compreendia o componente como “*mero momento de lazer, descanso, relaxamento e a oportunidade de sair da sala de aula*”. No encontro com a Sarith, Cidinha participou das vivências e se sentiu em êxtase quando conseguiu receber, driblar e arremessar a bola no aro improvisado com o bambolê. Xs estudantes festejaram! Cidinha! Cidinha! Cidinha! Esses momentos de diálogo e troca entre os pares fazem da trama pedagógica uma produção coletiva.

Por fim, os registros ajudaram na avaliação cotidiana do trabalho trazendo à tona os deslizos, avanços, caminhos, produção, reprodução, criação e recriação.

REFERÊNCIAS

BORGES, C. C. O.; PORTAPILA, D. M. O.; ESCUDERO, N. T. G. (Re)pensar a avaliação: escrita autopoietica por uma pedagogia da(s) diferença(s). In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Org.) **Educação Física cultural**: por uma pedagogia da(s) diferença(s). Curitiba: CRV, 2016.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Orgs.) **Praticando Estudos Culturais na Educação Física**. São Caetano do Sul: Yendis, 2009.

NEIRA, M. G. Educação Física cultural: carta de navegação. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 02, p. 82-103, jul-dez., 2016.

SANTOS, I. L.; NEIRA, M. G. A tematização no ensino da Educação Física. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016a.

SANTOS, I. L.; NEIRA, M. G. A problematização no ensino da Educação Física. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016b.